

Unicamp abre as portas para capacitar médicos angolanos

Especialização. Convênio já aprimorou tecnicamente mais de 100 profissionais da saúde, que voltaram para o país de origem mais preparados

Uma parceria entre a Unicamp e o Hospital Josina Machel, em Luanda, capital da Angola, abriu as portas da universidade para que profissionais da saúde do país africano pudessem aprimorar suas especialidades. O “convênio técnico de cooperação internacional” já se estendeu para o Ministério da Saúde de Angola e foi responsável pela capacitação de cerca de 100 médicos e outros 50 técnicos da saúde.

O programa, iniciado em 2004, começou com 12 profissionais do hospital angolano. “Alguns médicos estavam na faixa de 50 anos, uma idade já mais avançada, com coragem de vir pra cá e largar a família. Ficavam entre 2 a 4 anos aqui treinan-

do nessas áreas onde são destinados”, disse o professor e coordenador do programa, Francisco Aoki.

Para os médicos angolanos vir para Unicamp significa a oportunidade para aplicar o conhecimento adquirido na universidade africana, como explica o neurologista Job Monteiro Jama António. “Aqui pude aplicar na prática muitas coisas que lá sabia apenas na teoria”, afirma.

O neurologista chegou a Campinas em 2013 e continua os estudos na Unicamp. Outro ponto reforçado pelo médico é o trato com o paciente. “Antes mesmo de avaliarmos as competências técnicas, existe uma vertente de humanização muito



O angolano Job Monteiro se especializa na Unicamp | LUCIANO CLAUDINO/CÓDIGO19

forte aqui. Isso é algo que nós podemos levar para Angola”, completa.

A gratidão é demonstrada também por Albano Eugênio, que se especializou em

cuidados intensivos e já retornou para Luanda. “Mudou completamente minha atuação. Fez de mim um médico melhor”, explica Eugênio.

O hospital ou clínica an-

golanos pagam os salários dos médicos durante o período de aperfeiçoamento no Brasil e a Unicamp entra com o conhecimento e a prática dos profissionais de cada especialidade.

Muitos retornam para o país de origem com cargos mais altos e também com ganho salarial. “Tenho colegas que assumiram cargos em hospitais importantes. A ideia é fazer alguma diferença. Isso é um dado inegável. Temos médicos que passaram por aqui que são chefes em clínicas de neurologia no país”, comenta António.

Reconstrução

Segundo Aoki o convênio foi fechado devido a um período de muita dificuldade

em Angola. “Em 2001 o país estava destruído devido à guerra civil. Faltava infraestrutura, profissionais, havia problemas em todas as áreas”, comentou.

Na época, apesar de uma agência de cooperação internacional do Japão ter ajudado com R\$ 45 milhões para a reconstrução do país, não havia mão de obra especializada, principalmente na área de saúde. Em 2004, havia cerca de 1,2 mil médicos em Angola para uma população acima de mais de 13 milhões de pessoas. Segundo Aoki, essa estrutura era capaz de atender apenas 300 mil pessoas.



CARLOS GIACOMELI
METRO CAMPINAS